

Crítica de FH ao FMI causa polêmica na oposição e entre economistas

Brant defende o presidente e diz que a política externa é independente

Isabela Abdala
e Aداuri Antunes Barbosa

● BRASÍLIA e SÃO PAULO. O discurso do presidente Fernando Henrique na Rússia, acusando o chamado sistema de Bretton Woods, composto pelo Fundo Monetário Internacional (FMI) e pelo Banco Mundial, de estar obsoleto, causou polêmica na oposição e entre economistas de várias tendências. Muitos apontam incoerência entre a fala do presidente e as ações de seu governo.

O deputado Aloizio Mercadante (PT-SP) disse que a política de Fernando Henrique tem sido o inverso do que ele defendeu diante dos russos.

— O sociólogo está tentando redimir o presidente. É tão distante o que ele disse do que faz aqui! É uma cara-de-pau tão grande que ele vai ganhar do Maluf o troféu peroba do ano — ironizou Mercadante.

O deputado petista destacou que o seu partido costuma ser acusado de obsoleto pelo ministro da Fazenda, Pedro Malan, justamente por defender uma maior autonomia em relação ao FMI.

Para o economista e professor da Fundação Getúlio Vargas Paulo Nogueira-Batista Júnior, ligado ao PT, o presidente deve estar se preparando para a aposentadoria.

— O presidente sempre teve postura frouxa em relação ao discurso político e à reorganização do sistema internacional. Esse discurso agora não condiz com a política que vem praticando em seu governo, daí imaginarmos que ele está ensaiando um discurso de ex-presidente para, quem sabe, fazer palestras — disse.

Para o professor da FGV, esse discurso tem mais aceitação internacional do que interna. Mas ele acha positiva a mudança do foco.

— Nunca é tarde para dizer a verdade — disse.

O professor Luciano Coutinho, da Unicamp, destaca que uma das políticas recomendadas pelo Banco Mundial e aceitas no Brasil pelo governo Fernando Henrique foi a das privatizações.

— As privatizações demonstraram em várias partes do mundo, em vários países, ser uma política equivocada. No Brasil o caso mais visível foi o da privatização do setor elétrico — afirmou.

O economista Lauro Vieira de Faria, da Fundação Getúlio Vargas, lembrou que o governo Fernando Henrique já fez três acordos com o FMI, em 1998, 1999 e 2000, e tem tido um bom relacionamento com a instituição:

— O Brasil fez três acordos em que se pode criticar alguns aspectos mas, no geral, o governo dá a entender que concorda com os seus principais aspectos. O presidente da República, muitas vezes, fala como se fosse um crítico do próprio governo.

Brant diz que o país não segue o figurino do FMI

Já o ministro da Previdência, Roberto Brant (PFL), não vê incoerência entre o discurso e a prática do presidente. Brant diz que o Brasil é o país menos globalizado da América Latina. E compara os números nacionais com os do México.

— O grau de abertura do Brasil é de apenas 12% do PIB. No México é de 35%. O PT fica repetindo que o Brasil segue cegamente as regras do Consenso de Washington, mas isso não é o que ocorre de fato. Saímos do figurino várias vezes. Temos praticado uma política externa independente — defendeu Brant. ■

OPINIÃO

ALÉM DOS CONFETES

● A TROCA de mimos e afagos faz parte da pompa e da solenidade de visitas oficiais como a do presidente Fernando Henrique a Moscou.

DITO ISSO, não é de admirar que Putin, anfitrião hospitaleiro, tenha respaldado a pretensão brasileira de candidatar-se a uma vaga permanente no Conselho de Segurança da ONU, hoje integrado por EUA, França, Grã-Bretanha, China e a própria Rússia.

OU QUE FH, visitante polido, respondesse à altura, apoiando a intenção russa de ingressar na Organização Mundial do Comércio.

POR TRÁS das medidas e gentilezas protocolares, a viagem do presidente a Moscou deu a brasileiros e russos uma oportunidade real de aproximar os dois países, que só têm a lucrar com a intensificação das trocas comerciais e assinatura de acordos tecnológicos. O resto é coreografia.

COLABOROU Gustavo Alves